

O reconhecimento faz parte da construção

Caros colegas,

O mês de outubro merece destaque neste editorial. Começamos as comemorações com o Dia do Professor (15.10) e, como todos nós fazemos parte dessa equipe, tendo a responsabilidade pela educação das nossas crianças, venho parabenizá-los e agradecer pela dedicação a essa causa. Dizer que o esforço conjunto é o denominador comum para se pensar em um mundo mais justo, igualitário e desenvolvido. Juntos somos capazes de fazer a diferença, de propagar conhecimento e promover a evolução do ser humano e, conseqüentemente, do nosso planeta.

Dando continuidade as demonstrações de carinho, respeito, e admiração, não podemos deixar de felicitar a Undime-SC pelo seu 29º aniversário (19.10). São quase três décadas dedicadas a educação municipal catarinense, lutando, junto aos dirigentes municipais de educação, por um ensino público de qualidade social. Essa instituição merece nosso reconhecimento, pelos trabalhos realizados, prestação de serviços e apoio a todos os profissionais envolvidos nessa área. Por isso, considero um mês tão especial. Período de festividade para os educadores e pra instituição que atua em sua defesa.

É importante destacar que o poder da mudança para um futuro diferente, com equidade e honestidade, é nosso (educadores e Undime-SC). Somos capazes de trabalhar unidos e de forma participativa, para devolver a esperança a tantos corações descredenciados. O nosso amanhã será reflexo das atitudes de hoje. E aí, vamos caminhar juntos?

Plauto Mendes
Presidente

Sistema de Blumenau é reconhecido nacionalmente

O processo de avaliação institucional fornece indicadores educacionais

O artigo sobre o Sistema Municipal da Avaliação Institucional Participativa (Simaip), da Secretaria Municipal de Educação de Blumenau (Semed) integrou o IV Congresso Nacional de Avaliação em Educação (CONAVE), que aconteceu de 24 a 26 de outubro, em São Paulo. Com a aprovação da comissão científica do congresso, o município passará a configurar nos anais nacionais que serão publicados este ano. Além disso, uma equipe da Semed foi designada a apresentar o sistema utilizado em Blumenau no evento, que reuniu representantes de municípios de todo país.

Criado por meio da Lei Complementar nº 910/2013, o Simaip consiste na avaliação institucional participativa das 128 unidades educacionais e da aprendizagem dos alunos do ensino

fundamental, com o objetivo de fornecer à administração municipal indicadores sobre a educação e o desempenho dos alunos. A partir desses dados, acerca da realidade de cada escola e centro de educação infantil, é elaborado o plano de ação para qualificar a gestão das unidades e melhorar o ensino e aprendizagem.

O sistema foi implantado em 2014 e, desde então, a rede municipal de ensino passa por avaliações anuais, com a participação de professores, gestores, demais funcionários, pais e alunos com mais de 12 anos. Em 2015, a Secretaria de Gestão Governamental (Segg) informatizou a avaliação, por meio de um software online tornando a avaliação mais ágil e eficiente, facilitando tanto o acesso da comunidade escolar às questões que devem ser

respondidas, quanto aos resultados.

No Simaip, são avaliados a gestão escolar, espaço e ambiente e os aspectos pedagógicos. A cada dois anos, são realizadas, também, as avaliações de aprendizagem com os alunos, por meio de provas que avaliam a leitura, escrita e matemática. Após organizar os resultados, os coordenadores curriculares da Semed fazem a devolutiva para cada unidade educacional.

Para a coordenadora do Setor de Avaliação, Pesquisa, Estatística e Formação Continuada da Semed, Luciana Vaz Schuetze, a inclusão de Blumenau no IV Conave, principal evento de avaliação escolar do país, significa o reconhecimento nacional de todo o trabalho realizado.

Colaboração: SME de Blumenau.

Premiação

Maracajaense ganha prêmio por melhor redação em concurso entre mais de 1500 textos inscritos

A aluna do 5º ano da EEB Eulália Oliveira de Bem é a vencedora do concurso de redação do Programa de Educação Ambiental Campo Limpo

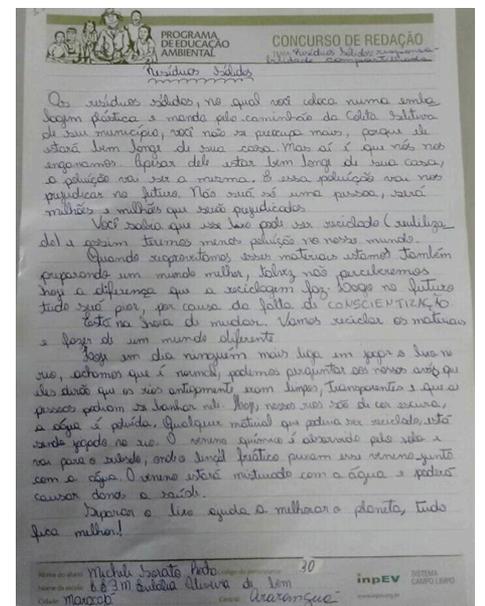
Estudante da Rede Municipal de Ensino de Maracajá, Micheli Sorato, foi a escolhida entre 1600 textos enviados por estudantes de todo o Estado, como melhor autora da redação do concurso promovido pela Associação dos Revendedores de Agroquímicos do Sul (Arasul).

O tema nesta edição foi "Resíduos Sólidos: Responsabilidade Compartilhada", temática bastante difundida em Maracajá, que é um dos únicos municípios da Amesc que realiza a coleta seletiva dos resíduos sólidos. "Nossos agradecimentos à Arasul, especialmente ao Dion Elias, ao professor Lúcio Vânio Moraes, às

professoras Vanuza Fernandes e Rejane de Oliveira, a assistente técnica pedagógica Maria das Graças Darós", ressalta a diretora da escola, Cleiane Souza.

O coordenador do projeto Verde é vida, professor Lúcio Vânio Moraes, acompanhou a entrega do prêmio e destacou o esforço da aluna. "Foram textos bastante criativos e nossa aluna foi destaque. Parabéns pela conquista e que suas palavras sejam convertidas em ações por todos da nossa comunidade".

Colaboração: SME de Maracajá.



Deixando o meu legado

79% da população apresenta grande disposição para realização do voluntariado.

MATERIALIZE ESSE SENTIMENTO, SEJA UM VOLUNTÁRIO PELA EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA OU CADASTRE A DEMANDA DE SUA ESCOLA.

www.fiesc.com.br/aindustriapelaeducacao



FIESC

A presença das famílias no CEI Bom Jesus de Iguape em São José

Equipe é responsável por planejar e articular novas vivências no Centro de Educação Infantil

Algumas atividades já foram realizadas, dentre elas um Lanche Festivo, organizado pelos profissionais responsáveis a fim de envolver as crianças e, também, os familiares. Além do lanche, teve oficina de brinquedos construídos pelas mãos das crianças, pais, mães, avós, tios e irmãos. Outro momento de descontração foi a ciranda. A roda agregou os participantes e, com a orientação da professora Sandra Mara Lohn da Rocha, os passos foram ensaiados até entrarem em sincronia. Lado a lado, olhos nos olhos, dançaram a música da união que cada dia mais permeia as ações da Educação Infantil na Rede Municipal de São José.

Nos depoimentos das famílias foram registradas as falas de Edson Santana, Caroline

Alves Hayden, Márcio Ferreira Lopes e Marcelo Olávio Xavier, que parabenizaram a instituição

pela iniciativa na promoção do encontro, permitindo a inclusão das diferentes composições familiares. Pontuaram como é importante acompanhar o desenvolvimento das crianças, conhecer as professoras e ter a oportunidade de conversar com elas. “Isso transmite tranquilidade, confiança e credibilidade, pois participar da rotina do CEI é uma experiência nova e quando as portas se abrem para nós, entendemos melhor o universo

dos nossos filhos e filhas, melhorando nossas relações. Sabemos da importância do brincar, que



também apresenta limites, desperta a criatividade e o companheirismo. Brincando se aprende”, ponderou Caroline.

Para a coordenadora,

Nahdja Anderson dos Santos, a proposta de um espaço múltiplo e singular faz toda a diferença para a constituição de um coletivo que semeia afeto e respeito nas relações. “A família fica feliz em ver que as crianças aprendem e socializam. Dessa forma, comemorar os encontros é um bom motivo para estarmos reunidos”, assinalou.

A diretora, Glaucier dos Anjos, comemora a presença das famílias na interação com o CEI, deseja que seja cada dia mais frequente, mostra-se satisfeita com o retorno, pois percebe que o objetivo foi alcançado e a proposta foi compreendida e “abraçada” por todos. “Sabemos como é importante o brincar e o estar junto para o desenvolvimento integral das crianças”.

Colaboração e foto: SME de São José.

Giro de notícias

Salto Veloso

A Escola Municipal Vereador Avelino Biscaro, de Salto Veloso/SC, lança a segunda edição do “Jornal CMEB: Compartilhando Saberes” e do jornal “Turminha CMEB”. O projeto surgiu da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação, professores e alunos, após sentirem necessidade de uma constante busca pela informação, leitura e interpretação. As matérias são produzidas pelos alunos que compõem a equipe da redação e designer e, posteriormente, são corrigidas e aprimoradas pelo professor coordenador do projeto. O porquê do projeto: O mundo atual muda a cada hora, a cada instante e para entendê-lo melhor é importante estar bem-informado e conectado a ele. A leitura do jornal ajuda aprender a pensar e a entender o que se passa a sua volta. É por essa razão que o projeto almeja trabalhar com atividades que permitam aos alunos estabelecer um vínculo com a escola, sua cidade e região e com isso aprendam a ler, criticar, selecionar informações e filtrar o que é publicado na internet. “O objetivo do projeto é instigar nossos alunos para a leitura, interpretação e produção textual através do uso do jornal como instrumento de pesquisa e aprendizagem, além disso, a produção do jornal aproxima a escola do meio social, permitindo a divulgação dos trabalhos, projetos e eventos realizados pelos professores, alunos, direção da escola e da Secretaria de Educação”, comenta o coordenador.

Colaboração: SME de Salto Veloso.

Garopaba

O projeto Contação de Histórias teve início no ano de 2015 com a Educação Infantil de Garopaba e, em 2016, estendeu-se para a 1ª e 2ª séries do ensino fundamental I, agregando, também, a musicalização lúdica na Educação Infantil. O objetivo é contribuir com o processo de desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, desenvolvendo a imaginação criativa e o gosto pelas obras literárias. Atualmente, o projeto, coordenado pelas professoras Marilete Ângela Alberti de Abreu e Jô Araujo, conta com 17 profissionais capacitados, com cursos de formação e oficinas específicas.

Colaboração: SME de Garopaba.

São José

O Projeto Brincadiquê? iniciativa da Rede Marista de Solidariedade, objetiva trabalhar a defesa e a promoção do direito ao brincar na primeira infância. Na sua segunda edição em São José, contempla a formação continuada para educadores, multiplicadores nos 34 Centros de Educação Infantil da Secretaria de Educação. Os temas abordados são o desenvolvimento infantil, cuidados, concepção de família e legislação para defesa dos direitos à primeira infância. Além de estimular a construção de brinquedos e brincadeiras, objetiva colaborar para a relação afetiva entre as crianças, instituições e famílias.

Colaboração: SME de São José.

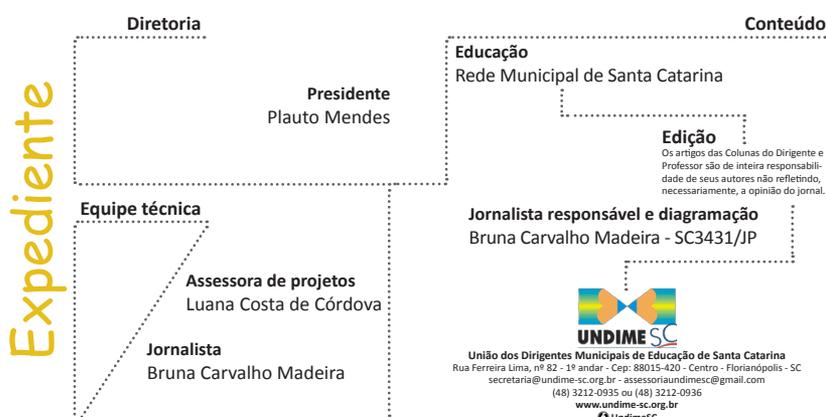
Florianópolis

O Projeto Bola ao Cesto, da EBM Herondina Medeiros Zeferino, idealizado por Silvio Sérgio Mathias, que desenvolve o trabalho há mais de 10 anos, agora é uma das seis unidades na Grande Florianópolis a fazer parte do núcleo estudantil da Federação Catarinense de Basketball. Com a parceria, receberam ajuda da federação e, puderam ampliar o número de alunos participantes, materiais esportivos e uniformes. Além disso, a escola poderá participar de competições envolvendo os núcleos, com equipes nas categorias Sub 12 e Sub 14 nos naipes masculino e feminino. O primeiro resultado já apareceu com a conquista da medalha de prata nos Jogos Escolares de Florianópolis (JESF), primeira medalha do basquete feminino da história da Escola Herondina.

Colaboração: SME de Florianópolis.

Nova Trento

Ao longo dos anos, o planeta terra vem sofrendo grandes transformações devido às influências climáticas catastróficas, causando o desaparecimento ou mutação de diversas espécies. A destruição exagerada do meio ambiente tem se intensificado nas últimas décadas, com o consumismo de produtos descartáveis, os desastres naturais, a falta de água, a expansão do crescimento industrial, entre outros. Pensando nisso, o CMEI Padre Rossi tem trabalhado atividades práticas com as turmas do pré escolar, com intuito de conscientizar e incentivar as crianças a criarem hábitos e atitudes que irão ajudar cuidar da natureza. Eles trabalham diversas situações que possibilitam pensar em propostas para serem colocadas em prática. Como produto final é confeccionada uma maquete para exposição. Colaboração: SME de Nova Trento.



Autores dos 500 textos semifinalistas participam de oficinas regionais da 5ª Olimpíada de Língua Portuguesa - Escrevendo o Futuro

Os encontros seguem até 24 de novembro e estão divididos em quatro capitais brasileiras de acordo com o gênero literário escolhido pelo aluno (crônica, poema, memórias e artigo de opinião)

Por Bruna Carvalho - Undime/SC

Após a etapa estadual os alunos, com textos selecionados, juntamente com os professores responsáveis tem a oportunidade de aperfeiçoar práticas e aprimorar técnicas, que possibilitem qualificação e desenvolvimento na etapa regional. Os encontros, ainda, permitem ampliar as habilidades de leitura e escrita e o universo cultural dos alunos, além de desenvolver, com os professores, atividades destinadas a contribuir para a melhoria da qualidade do trabalho docente.

Em Santa Catarina, participaram da etapa estadual 871 textos. Desses, 29 foram selecionados, levando em conta o número de vagas por gênero literário (poema – 7, crônica – 7, memórias – 7 e artigo de opinião – 8). Unindo-se aos 471 semifinalistas dos demais estados, os textos classificados para as oficinas regionais chegam a 500.

O cronograma, com as datas e locais, é de acordo com a categoria escolhida. Veja:

Artigo de Opinião – São Paulo/SP
(25 a 27 de outubro de 2016);

Crônica – Porto Alegre/RS
(8 a 10 de novembro de 2016);

Memórias Literárias – Fortaleza/CE
(16 a 18 de novembro de 2016);

Poema – Salvador/BA
(22 a 24 de novembro de 2016).

Posteriormente, serão selecionados 38 textos - por categoria - dos alunos que seguiram para a etapa nacional. A escolha, assim como o anúncio para o público, se dará nas mesmas datas e locais dos encontros regionais. Na etapa nacional, ou seja, a final do concurso,

serão escolhidos 5 textos - por categoria - que serão premiados. Na próxima edição do Jornal da Undime/SC será divulgado os nomes dos finalistas que irão para a etapa nacional, além outros textos que não foram classificados, mas que merecem nosso reconhecimento.

Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP)

São realizadas diversas modalidades de formação presencial e a distância para educadores, além do concurso de textos que premia as melhores produções dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, sendo desenvolvida em parceria com o Ministério da Educação, com o objetivo de contribuir para a melhoria da leitura e escrita de estudantes de escolas públicas brasileiras. Também são parceiros do programa na execução das ações o Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e o Canal Futura.

Conheça os semininalistas no site da Undime/SC.

Abaixo alguns textos que participaram da etapa estadual, mas que não foram classificados para a etapa regional. Parabéns a todos os inscritos nesta edição. Vocês já são vencedores!

Crônica

A crueldade da inocência

Um menino de dois anos, chamado Vitor, foi assassinado a sangue frio na rodoviária de Imbituba meses atrás. Um maluco enfiou-lhe um estilete na garganta, sem mais nem menos. Nas redes sociais, circulava a informação de que Vitor era um belo, filho de um cirurgião e de uma psicanalista, que viviam num prédio da Beira Mar Norte, em Florianópolis.

Foi isso mesmo, o assunto estaria na capa de jornais e revistas, só que não. Vitor foi realmente assassinado, mas era pobre, bugre e vivia em uma aldeia indígena. Estava na rodoviária com a mãe que ali vendia artesanatos. Bastou corrigir a descrição do menino, numa simples troca de parágrafos, para a empatia retroceder e a existência de Vitor se torna menos importante, ou mesmo nula.

Ainda temos muito a evoluir, cara pálida, muito a mudar, começar a deixar nosso orgulho de lado e pensar mais próximo. Enquanto os outros forem uma abstração, um mundo melhor também será.

Aluna: Amanda Silva Bittencourt
Professora: Daniele Souza Freitas Pacheco
EEB João Guimarães Cabral - Imbituba

Não sei, o que faço!

Hoje não se sabe o que acontece com ele, de quem é, por que o abandonaram, por que está assim? Só sabe-se que para muitos ele foi de suma importância, nele muitas pessoas fizeram história, por ele inúmeras pessoas passaram bons ou maus momentos, nele bebês choraram, crianças choraram, adultos e idosos em pranto. Nele famílias também se alegraram, e como se alegraram!

Mas e agora? Por que está assim? Parem! Não o subestimem. Ele está bem. Só precisa que o respeitem, que cuidem dele, que reformem seu corpo, sua estrutura.

Ele é grande, enorme, seus olhos foram machucados, seu corpo está sujo, sem cor, sem vida, será que passa

por necessidades? Não, na verdade é o que eu acho, que está mal cuidado, sujo, abandonado, sozinho. Já não tem tanta fartura em seus equipamentos, muitas coisas foram levadas embora, muitas foram quebradas. De tudo isso ele sente saudades, bem como de pessoas que possam lhe ajudar.

Não o deixem assim, eu não gostaria de vê-lo assim de novo, eu nasci em seus andares, várias vezes quando criança atrás de suas portas fui curada. Ele muito me ajudou, agora quero muito ajudá-lo.

O que faço? Diga-me o que posso fazer, em que posso ajudá-lo? Como posso ajudá-lo? Não quero ver desse jeito abandonado, o Hospital Nossa Senhora Aparecida no Município de Campo Erê pelo qual tenho tanto carinho.

Aluna: Caroline Gabriela Bernardi
Professora: Rosair Peretti da Silva
EEB Emilio G. Médici - Campo Erê

O sossego do campo

Meu corpo gélido pede por cobertas e uma cama, quentes o suficiente para acalmar o coração, que está ora calma ora furacão, ora romance ora padecedor. Com o pensamento já nos sonhos de uma boa noite de sono, despeço-me de meu amado nas redes sociais. Por conseguinte é a vez da minha família, que ainda está estirada nos sofás da sala, tomando chimarrão e assistindo jogo de futebol.

O trajeto até o banheiro parece uma eternidade. Cochilo enquanto escovo os dentes, e o ato que reverte é a briga entre os gatos que estão no pátio. Ao retornar ao quarto, opto por deixar a desordem do quarto tal qual como estava, meu desejo no momento era apenas adormecer. Desta maneira, cobertas e travesseiros encontram-se dispostos em seus devidos lugares em questão de segundos. Claramente, o mosquiteiro também, que contrariamente das estações quentes, é utilizado como uma barreira, impedindo que os quarenta quilos de cobertas caiam durante a noite e eu morra de hipotermia.

Quando está tudo disposto, ativo o despertador, apago as luzes e corro para a cama, com medo de que alguém esteja embaixo dela e puxe meu pé. Em milésimo

de segundo estou em um sono leve e profundo. Acordo assustada com um barulho de buzina. Espero imóvel na cama por mais algum tempo, absorta em pensamentos, sem distinguir muito bem o real com o irreal. Pensei em chamar meus pais, caso eles não tenham escutado, mas o medo não permite. O único barulho que se ouve é do ruído das galinhas e das vacas, que de fome ou medo, se manifestam.

Não sei que horas são, mas minha disposição me diz que já estive dormindo por um bom tempo. O barulho de alguém batendo na porta me faz perceber que aquilo era mesmo realidade. Mas, por não querer chamar meus pais ou alguém da casa, continuo imóvel. Aliás, poderia muito bem ser um bandido, sequestrador ou quem sabe até um homem bomba. Decido, portanto, não ir ver do que se trata.

Alguns minutos depois, percebo que meus pais também acordam com o barulho, e temem pelo que poderia vir a acontecer na mesma noite. A movimentação dos dois na cozinha é facilmente percebida, e tudo se cala quando há uma manifestação na porta, novamente. Tomados de coragem e utensílios de cozinha (para se defenderem de qualquer ato), os dois, juntos, vão até a porta. O barulho da chave e fechadura virando gritam e me escondo ainda mais debaixo das cobertas.

- Boa noite senhores, será que poderiam me ajudar?
- Boa noite, é claro! Ufa!

O mistério é finalmente desvendado. A pessoa que arrancou o sono e trouxe medo aos moradores da casa, se tratava de nada mais, nada menos, do que um motorista que deveria entregar ração totalmente perdido, que buscava por uma informação sobre seu destino. Minutos depois, escuto a porta se fechando, o caminhão acelerando, e meus pais voltando ao quarto.

Nesse momento reconfirmei que a vida no interior é muito boa. Além de estar em prol do serviço o dia todo, é preciso, também, perder horas de sono para ajudar outros trabalhadores, seja noite ou dia, já que as moradias se encontram distantes uma das outras e em lugar algum é mencionado seu endereço exato.

Aluna: Daiane Maldaner
Professora: Daniele Friedrich
EEB São Lourenço - Iporã do Oeste

O meu lugar, um mundo desconhecido

Era uma manhã gelada de julho, o sol e o frio caminhavam lado a lado. As árvores e as lavouras estavam cobertas por uma camada grossa de gelo, assim como os telhados das poucas casas existentes no lugar.

Naquele dia, amanheci determinada, pois tinha uma pesquisa importantíssima da escola para fazer. Assim que sentei-mena cama, senti o frio invadir, vagarosamente, o meu corpo; primeiro os meus pés descalços, depois o meu corpo inteiro, fazendo minha pele pálida tremer. A vontade de voltar para debaixo das cobertas era enorme, mas a vontade de fazer a pesquisa escolar, era maior ainda.

Levantei. Abri meu guarda-roupa, coloquei três blusas de lã, meu casaco azul preferido e a minha melhor calça jeans; escovei meus dentes, vesti uma bota e preendi meus longos e ondulados cabelos em um rabo de cavalo. Olhei-me no espelho e meus olhos estavam mais verdes que o normal, talvez por causa do sol que naquele dia batia com mais intensidade na geada grossa e deixava a paisagem mais bonita e esbranquiçada lá fora. Peguei minha bolsa, coloquei dentro dela a minha câmara e algumas balas e bolachas da Serra, pois sabia que durante a pesquisa eu ficaria com fome e fui fazer meu trabalho.

Era uma pesquisa de Geografia. Fotografar as paisagens existentes. Escolhi ir cedo, pois com a geada, a paisagem fica mais bonita. Naquele dia, eu caminhei mais que o normal; estava em uma estrada onde já não havia mais asfalto, era uma estradinha de chão. Naquela hora do dia, o sol já derreteria toda a geada e restava somente a poeira avermelhada.

De longe avistei um bellissimo lago, em sua volta, uma grande paisagem de pinheiros carregados de pinhas. Fotografei e aproveitei para juntar alguns pinhões, que mais tarde, dava uma grande e deliciosa sapecada.

Andei mais um pouco pela mata na qual havia um grande e interminável gramado. Ao observar a paisagem magnífica, avistei dois meninos brincando com uma bola. Com aquele frio intenso, eles estavam sem camisa e com os pés descalços sobre a grama; um deles estava com um velho e rasgado calção, enquanto o outro estava apenas com uma cueca esverdeada. Ambos possuíam pele morena e cabelos encaracolados e eles aparentavam ser irmãos. Um deles era o goleiro, o outro, o goleador. A trave era feita de madeira. Fotografei-os.

Os dois garotos assim que me avistaram, demonstraram ter ficado com medo e saíram correndo. Segui-os dizendo:

- Calma, calma, eu não vou machucá-los.

Os meninos, ainda amedrontados, não paravam de correr, e eu fui os seguindo. Atrás de uma pequena mimosseira, uma simples casa de madeira e os meninos entraram nela. Ali era o humilde lar dos garotinhos. Ao lado da casa, havia uma vaquinha de leite, e de outro, um belo quintal, riquíssimo.

Em um pequeno instante, uma mulher morena, com vestes humildes, com os pés descalços sobre o piso de imbuia e com um neném no colo, sai da casa acompanhada dos meninos. Suspeitava-se que era mãe deles.

A mulher me olhou e sorriu, apesar da pobreza existente, ela estava feliz. Eu fiquei sem reação, pois aquele era o lugar onde eu vivia e precisou de uma pesquisa escolar para eu descobrir a pobreza existente aqui. Naquele momento me veio na mente que eu ainda reclamava das vezes em que minha mãe demorava para pôr créditos no meu celular, enquanto essas pessoas passavam fome e somente com uma folha de couve e alguns grãos de feijão já se contentavam. Peguei as poucas balas e bolachas que haviam em minha bolsa, em um gesto nobre, entreguei aos meninos. Eles sem saber como agradecer, vieram correndo ao meu encontro e me abraçavam com força. Com um sincero sorriso, um deles disse:

- Obrigada, moça!

O ouro não disse nada, mas retribuiu o meu olhar e sorriu. E assim eu queria que fosse o resto dos meus dias, feliz e sincero, como aqueles inesquecíveis sorrisos, porque aprendi que a felicidade está presente nas coisas mais simples da vida.

Aluna: Luana Damaso Schermack

Professor: Adilson Poloniski

EEB Estanislau Schumann - Bela Vista do Toldo

O lugar onde vivo

O sol começa a nascer tingindo o céu azul com mesclas rosas e alaranjadas no horizonte. Um bando de pássaros desliza no alto em direção ao norte. O mar vai e vem, acompanhado do som tranquilo de pequenas ondas quebrando. Na areia, um pescador arrasta seu barco cheio de vigor. Sua face marcada pelas linhas de expressão de alguém que

trabalhou arduamente a vida inteira. Ainda assim, ele parece feliz, enquanto guia seu barco para água. Talvez porque saiba que é livre, descompromissado, pois não precisa pegar ônibus lotado de manhã cedo ou agüentar desaforos no trabalho, ou porque sabe quando passar pela porta de casa ao meio-dia com uma caixa repleta de peixes grandes, sua mulher sorrirá aliviada pela garantia de um almoço e suas crianças correrão afobadas para ver os peixes saltando da caixa. E ele provará a verdadeira felicidade.

Quem sabe, ele está feliz por ser o único momento em que ele pode ficar em paz, longe da piçarra dos filhos, do vizinho, acusando seu cachorro de rasgar lixo, da mulher reclamando pela milésima vez da pia, da geladeira quebrada, das unhas que faz semanas, da falta de roupa ou da colega provocadora.

Seu olhar fixa, sua mente vaga por um instante. Ele suspira, liga o motor, e parte sereno, em direção à luz.

Aluna: Yasmin Alves Ludgério

Professor: Valdecir Roberto de Oliveira

EEB José Maria Cardoso da Veiga - Palhoça

Segredos de um viaduto

O chão estava pesado embaixo dos meus pés, e minha mente retornou a processar imaginárias falas, então, um projeto de ave que almejava sair das paredes, cochichou no meu ouvido.

- Tu passas por aqui toda manhã com tom atordado, e volta no cair da noite com aparência cansada. Olhei pro lado e percebi a concordância de um ser abstrato que me encarava.

O vento frio da noite cerra minha nuca, senti que dezenas de olhares estavam fulminando minha mente. Apeitei os passos e segui em frente, mas foi quando passei pelo ladrão grafitado que ouvi:

- Coitado, ele deve achar que agrada a todos. Depois ele riu baixinho, tentando abafar algo pior.

Quando olhei para cima consegui relaxar meu corpo. Os refletores que clareavam a multidão de cores e formas ofuscavam meus olhos, impossibilitando-me de ver algo mais distante.

Paro e penso comigo. E se várias faces olhassem para você, e penetrassem direto na sua mente? E se uma explosão de cores, trocassem seus pensamentos de lugar? Já imaginou? É mais ou menos assim que ocorre comigo todo dia, ao passar pelo Viaduto Municipal Angelo Giassi: uma relíquia de nossa história.

Ele é completamente pintado por grafite das mais belas e variadas formas; realmente um exemplo de arte! Mas arte? O que é arte? Dizem que Içara não tem arte, já eu discordo. Dançamos a todos os sons e até com uma cidade de Portugal somos geminados e o nosso viaduto é uma amostra disso. Além de fazer parte do meu cotidiano ele faz parte do lugar onde vivo, trazendo mais vida ao município, assim como muitas outras formas artísticas aqui encontradas. Afinal, Içara não é só a "cidade do mel", Içara que faz "arte provocar arte".

Voltei a realidade. Certifico-me de que ninguém estava nos arredores. Olho para trás e vejo o viaduto sendo engolido pela escuridão da noite içarense. Com o coração apertado lanço minha despedida:

- Até amanhã!

Aluno: Luís Miguel da Silva Nunes

Professora: Fabiana Alves Souza

EEB Profª Maria da Glória Silva - Içara

Múltiplos legados

Pássaros cantando, o vento assobiando na janela. São seis horas da manhã, hora de levantarmos. Logo minha mãe ordenará o plantel leiteiro, meu pai tratará os suínos e eu, ao nascer do sol no horizonte, irei à escola.

Sabe, muitas vezes, devido ao cansaço físico, geralmente coisa de adolescente, não gostaria de levantar tão cedo e encarar o transporte escolar e as aulas, mas sei que é necessário para o meu bem. E, como todos sabem, se eu não frequentasse as aulas regularmente, teríamos problemas com a justiça.

Pondero muito o que meu pai diz: - "Estude, minha filha, pois podem lhe tirar todos os seus bens materiais, mas ninguém pode tirar o que aprendeu estudando - o conhecimento." Além disso, tem a profissão dos meus sonhos!...Como vou cursar Direito, para depois ser policial e ajudar a combater o crime, a corrupção e ter um país mais justo e igualitário, se eu não me empenhar desde já? Oportunidades não costumam bater à nossa porta com frequência, não é?

Muitas vezes são as palavras dele que me motivam a sair debaixo das cobertas quentinhas e encarar, no inverno, "cerração", chuva fria, geada congelante e, algumas raras vezes, neve. Já nas outras estações do ano é mais animador levantar ao nascer do dia.

Ah!...Acredito que seja conveniente esclarecer que o que muitos conhecem como neblina, aqui se chama "cerração". E, note que, depois da construção de duas usinas hidrelétricas - a de Itá e a de Machadinho - a intensidade de nevoeiro aumentou bastante na região.

Onde vivo a natureza é exuberante! O clima é subtropical úmido com predominância de planaltos; isso quer dizer que existem muitos "peraus".

"Peraus"?...Não importa de que região do nosso país você seja, posso quase apostar que não conhece essa expressão! "Perau" é um precipício, um abismo, uma ribanceira. Incrível, também, é que ninguém sabe ao certo a origem dessa palavra; claro para todos é que ela não é encontrada nem mesmo nos melhores dicionários!

Estou enganada? Você já adivinhou onde moro? Sou de uma região que me enche de satisfação! Sou barriga-verde, do Caminho Turístico das Lanternas, para ser mais exata de Ipira (SC) - na zona rural.

Tenho muito orgulho de ser filha de agricultores. É daqui, do nosso trabalho, do nosso suor, que sai o alimento que o(s) centro(s) urbano(s) consome(m). Ajudo, sim, meus pais nos afazeres diários - bem como a maioria dos (as) jovens daqui - apesar da(s) lei(s) que condenam crianças e adolescentes que trabalham. Penso, convictamente, que é preferível, trabalhar (não de maneira escrava, é claro), para dar valor às coisas que ganhamos e queremos, ao invés de ficarmos ociosos por aí, roubar, matar, abusar sexualmente e ou usar drogas. Concorda comigo?

Aqui a comunidade toda se ajuda. E, não é porque dou uma "mãozinha" nos serviços de casa, que não tenho tempo para me divertir. Aliás, um dos eventos mais populares do nosso município é o tradicional e famoso KERB - uma festa de comemoração do aniversário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana. Pense numa festa divertida que inicia com culto festivo, que integra as mais variadas religiões, em que todos se divertem e dançam ao ritmo das bandinhas e, em que se arrancam as bonecas e a coroa de Kerb, em que se come "Kuchen" (cuca) e "Wurst" (linguiça cozida) - comidas típicas dessa celebração, originalmente com três dias de duração, sendo que algumas das características felizmente ainda estão preservadas!

Também vou à casa de meus amigos e amigas, passeamos, vamos às festas, à pizzaria, quase todos têm smartphone, Wi-fi e vivemos conectados, seguindo sempre as modinhas e novidades do mundo.

Aluno: Larissa Stefany Sander

Professora: Maria Marlina Gauer Ko Freitag

EBM Waldomiro Liessen - Ipira

A melhor coisa no pior momento

A porta bateu, meu pai saiu do carro. Enquanto esperava, abri a janela e fiquei observando a areia do parquinho que voava com o vento de outono. Ele trazia também o cheiro de pão fresquinho da padaria mais próxima que se misturava ao cheiro de melancia, do "chiclets" que eu mascarava no momento. As palmeiras balançavam e deixavam escapar por entre as folhas gotas de orvalho que caíam sobre o cabelo da moça que por ali passava, fazendo-a deslizar a mão sobre os seus cabelos crespos. Parecia ter pressa.

Dentro da pracinha os meninos chutavam uma bola alegremente que por várias vezes batia na grade, que separava o campinho do parquinho, e assistava a mãe empurrando, supostamente, seu filho no balanço. Do outro lado da rua havia farmácias, bancos e lojas onde mulheres saíam apressadas com sacolas e crianças penduradas pelo braço.

No meio das pernas ligeiras caminhava um cachorro, fraco, magro, de porte mediano, pelo amarelo e machucado, mas a vida ainda o permitia ter o brilho no olhar e o rabinho abanando. O cão pedia ajuda, mas ninguém o entendia. Os funcionários das lojas o expulsavam batendo palmas e os pés no chão. O pobre cão, assustado correu para perto do banco onde um humilde catador de papelão descansava. O homem era simples, sua aparência não deixava negar o quanto a vida havia lhe judiado. Porém mantinha um sorriso encantador, que abria para qualquer um que passasse.

O pobre homem dividiu com o cão o sanduiche que obtinha nas mãos. Metade para ele e a outra metade para o cão. A comida era pouca, simples, parecia contentar ambos. Comiam depressa e, aparentemente, parecia que realmente matavam a fome.

Quem passava fingia não ver. As crianças curiosas, curiosas que só, olhavam atentas mais eram repreendidas

pelas mães com puxões e leves tapas na mão, como se aquilo fosse errado. O homem apenas acenava com a cabeça e sorria. As ações daquele trabalhador não beneficiaram o mundo inteiro, não acabara com a fome mundial nem com as guerras e conflitos, mas nos deixa uma pontinha de esperança.

Aluna: Alessandra Borges
Professor: Itaesse de Fátima Deon
EEB Paulo Blasi - Campos Novos

O lugar onde eu vivo

O lugar onde nasci e vivi até hoje chama-se São Tomás. É um local pequeno, onde habitam poucas pessoas. Aqui temos igrejas, ginásio, campos de futebol, posto de saúde, mercados, lojas e escola, além das casas.

O que enriquece a nossa comunidade em questão de beleza e bem estar são as cachoeiras, que são sete. Estas, porém, são lugares ótimos para ficar em paz, para refletir, se concentrar...

Mas hoje irei falar sobre algo que acontece na escola onde estudo, que no caso é a única da comunidade.

Saindo da sala de aula, embaixo de uma árvore sentada, fico observando as crianças que estão na Educação Física, alguns jogando futebol, outros brincando de pular corda, outros de vôlei e outros de virar "carambota" em um colchão pequeno, enquanto isso observo também dois professores apreciando e prestando atenção nas crianças do 6º ano.

Em cada olhar posso tentar descrever um sentimento, alguns somente curtindo a brincadeira, outros com uma tristeza na alma, talvez por algum problema pessoal ou familiar e as crianças sentem muito, os problemas refletem de casa para escola ou qualquer lugar.

Mas eis aqui a melhor aula para descontrair, esquecer os problemas. Posso perceber que é uma galerinha muito unida, e que não deixam alguém se sentir sozinho, então em poucos minutos de aula, posso contradizer-me e dizer que vi alegria nos olhos daqueles que estavam sozinhos.

É muito bom ver que a atitude de alguém, uma gentileza, pode mudar o dia todo de outra pessoa, isso é tão lindo, mas faz tanta falta no dia a dia. Uma coisa maravilhosa que temos também em nossa comunidade é a grande humildade de estar sempre um ajudando o outro, seja com um sorriso, com uma gentileza ou até mesmo com um pouquinho de açúcar, são pequenos detalhes que nos tornam imensos e assim vamos criando um elo com as pessoas, principalmente as crianças e os idosos que sempre serão nossa prioridade.

Por isso acho o meu lugar maravilhoso e por mais que eu vá embora para continuar meus estudos e trabalhar, nunca deixarei minha raiz, o lugarzinho pequeno em um interior, onde eu aprendi a ter humildade, a ser quem eu sou. E esse foi o melhor presente da minha vida e eu o levarei para o resto dela, até que ela leve meus restos.

Aluna: Paula Karoline Martins Paulo
Professor: Jayson Fernandes
EEB Profº Luiz FelixBarreto - Imaruí

Uma nova vida

Final de semana. Observo sempre pela janela do meu quarto o trem passar pela estação abandonada perto de casa. O ano acabando. E eu, com catorze anos e uma suspeita. Teste comprovado. Dez minutos de curiosidade. Enfim, o resultado: positivo. Assim, foi a descoberta da gravidez. Agora, o pior, contar para a família. Acabaram descobrindo sozinhos, o que é pior ainda. Ouço mais de mil vezes a mesma frase: "Eu

disse para você se cuidar", mas aos poucos se acostumam e aceitam a ideia de ter um novo membro na família.

Primeiros meses com muito enjoo. Segundo trimestre, "os desejos". A partir do sexto mês o barrigão dispara de tamanho. Ao final do nono mês, a expectativa. Perto do dia previsto, então, vou ao banheiro em disparada a cada cinco minutos. À noite, caindo de sono, durmo, mas uma da madrugada acordo com as famosas contrações. Aguento assim até as quatro horas. Levanto. Visto-me com um vestido, uma meia calça e uma blusa. Afinal, é dia seis de maio e lá fora deve estar tudo congelando. Ligo para o Samu. O veículo chega. Vem como um raio. Carrego as bolsas e vou. Na ambulância, as contrações vêm de um em um minuto. Deitada, vejo o bairro de Serra Alta passar ao contrário.

Chego ao Hospital e Maternidade Sagrada Família, de São Bento do Sul. A médica me examina e me encaminha para um longo banho. O tempo que eu aguento não é muito. A baixa pressão não deixa. A bolsa estoura e emocionalmente vou caminhando para a sala de parto. O líquido escorre e escorrego, quase caio. Me deito e encontro forças que nunca imaginei que teria. Após o parto normal (tão doloroso), vejo aquele "toquinho". Cílios enormes. Cabeludinha. Bem branquinha, que até parece um pacotinho de leite. Meu coração se derrete de encanto.

Ela chora forte. Seu nome será "Melany Angel". A enfermeira a coloca em meus braços e nesse momento sinto que a minha vida recomeça.

Aluna: Thainara Forte
Professor: Evandro Gruber
EEB Frederico Fendrich - São Bento do Sul

Um Buquê de amor

Terça-feira, perto das 7 horas da manhã. Estava eu caminhando e já sentindo aquele clima tão quente quanto o inferno das ruas de Blumenau, quando me deparo com uma cena que me chama a atenção: em frente ao portão de um condomínio, reconheço de longe um buquê de lindas rosas vermelhas seguradas por um homem, que aparentava estar cansado de esperar em pé embaixo daquele sol escaldante, já de manhã cedo. Se as rosas falassem, naquele momento gritariam. Depois de tanto cultivo e esmero não mereciam esperar ainda mais para fazerem alguém sorrir.

O homem, então, digita o número do apartamento do interfone e, instantes depois, chega uma mulher vestindo o que parecia ser um pijama velho e surrado. Se a roupa parecia amassada, seu rosto estava pior: fundas olheiras e olhos extremamente cansados.

Ela então para e olha para o homem no portão e corre para lhe dar um abraço. Abre um largo sorriso e esquece-se que estava de pijama na rua, até que bem movimentada para aquele horário. E nesse abraço, provavelmente esquece-se também da água na chaleira que talvez deixara ligada para o café, esquece-se que, às 7 horas em ponto, o relógio irá tocar e informar o clima quente que faz na cidade. Certamente não se lembra que em breve a vizinha estaria a espionar na janela para ver o carro estrepitoso da trimania, anunciando o ganhador da semana e, de jeito nenhum, lembra da mensagem da amiga, que visualizou e não respondeu. Aquele era o momento dela, do buquê e do homem, que suave frio apesar do calor típico do verão de Blumenau.

E nesse momento, coloco-me no lugar daquela moça do pijama surrado, que num abraço afastara todos os seus outros pensamentos. E concluí que talvez o amor seja isso. Talvez, amar seja esquecer. Esquecer todos os defeitos dele, que na verdade são qualidades, pois o faz único, e

todos os problemas da vida, pois sabe-se que tem alguém do lado, mesmo que o mundo desmorone.

Alguns podem me achar louca, se quiserem, mas, na minha opinião, cada um, que naquela terça-feira assistiu à cena, veria aquilo que transmite do fundo de sua alma: alguns olhariam com indiferença, outros com desgosto, pois talvez recebam um fora do "crush". Outros teriam olhos de esperança, pois mesmo depois de tantas confusões e noites em claro continuam esperando um telefonema, outros teriam inveja, pois o lugar onde mais desejaríamos estar era nos braços de alguém...

Aprendi muito naquela terça-feira de manhã em frente ao novo empreendimento do bairro. Aprendi, naquele abraço cheio de afeto, que é assim que um dia de uma rotina incansável deixa de ser um dia qualquer. E louca seria eu se não tivesse notado nada disso.

Aluna: Eduarda Schwartz
Professora: Giovana Sothe
EBM Lore Sita Bollmann - Blumenau

Poema

Bela Vista irei contar

Vocês irão se encantar
Pois sou Frank Suél
Irei falar do meu lugar;
Que é canto do meu céu...

Eu nasci e morei uns tempos
Lá na Vila Cecília
Hoje moro na Coab
Junto da minha família

A rua não em calçada,
O asfalto é só na principal,
O perímetro é urbano

E há anos é municipal...

Aqui tem fábrica de erva-mate
Tem reserva e matos finos,
Tem lavoura e pecuária
Granja aviária e suínos
Aqui tem cooperativas
Que incentivam a produção,
Bovinos bom de porte,
Mas o forte é o grão...

Temos muitas tradições...
Tem peões e cavaleiros,
Tem esportes e competições,
Tem cantores e violeiros.

Nossa senhora da Glória
É história da matriz
E a paróquia Pai Eterno
Sonho eterno que eu quis

Temos também a prefeitura
É estrutura principal
Pois é um monumento que temos
Que construímos com o pessoal.

Tem farmácia do Elizeu,
Pois já morreu o Zacaria,
Eder Kock tem armazém
E Simão uma ferraria

Não contei tudo que tem
Pois tudo não posso contar,
Mas não perco nada de vista,
Porque Bela Vista é meu lugar!

Aluno: Frank Suél Dias Machado
Professora: Edilaine Fernandes Corrêa
EM Terezinha C. Agostinho - Bela Vista do Toldo

Os rios da minha cidade

Assim como um barbante
Os rios da minha cidade são curvados
Quando chove, com o barro, eles parecem
Um copo de achocolatado!

Quando estão limpos
É bonito de se olhar
Peixes a nadar
E borboletas a brincar.

A piazada com muita alegria
Nas corredeiras vai nadar,
Andamos até de bote
E nossos rios, parecem um mar!

E os bichos que neles se saciam
Matam sua sede e se revigoram.
O gado, os cavalos e as ovelhas
Se estão doentes até melhoram!

Rio do Peixe e Rio São Bento
São os dois rios do meu lugar,
Matam a sede do povo
E nos mostram que o melhor é se ajudar!

Falando bem a verdade
Tenho preocupação,
Pois aqui na minha cidade
Também há poluição.

As pessoas jogam nos rios
Lixo, esgoto e também esterco.
E sempre que chove
Prejudicam o seu leite!

O pior é que eu sei,
Que o rio é uma comunidade grande
Tem peixes e muitos animais
E a raiz da árvore dentro se expande.

Por isso me preocupo
Até quando Deus vai permitir
Que as pessoas nasçam e cresçam
E usem água pra se nutrir.

Estes rios tão bonitos e belos
Que alimentam minha juventude
Carregam minhas lembranças
E me mostram sua real plenitude.

Aluno: Felipe Gabriel dos Santos
Professora: Maria Salete Pedrosa
EEBM Madre Leontina - Ibicaré

Meu município

Se prepare para ler
Um poema bem legal
Pois você vai conhecer
Um lugar especial.

Lá de cima do morro
Se vê toda beleza
Das casas da cidade
E também da natureza.

Lá de baixo, na cidade
Se vê tudo de pertinho
Se vê também os morros altos
Do meu mundo pequeninho.

Lá na prefeitura
Tem prefeito e secretário
Quem trabalha no comércio
É vendedor e empresário.

Lá no centro da cidade
Há uma praça de uma quadra
Todos os anos no Natal
Ela fica enfeitada.

Lá no parque da Água Mineral
Tem o rio do padroeiro
O nome dele é São Domingos
Ele é nosso companheiro.

Nesse lugar especial
Sempre houve muita oração
No santuário de Nossa Senhora da Salete
O povo reza com devoção.

No município onde vivo
Há cultura e tradição
Oferecendo a todos
Aulas de música, dança e patinação.

Lá na escola que escrevi este poema
Onde aprendo sempre mais
Meus colegas são amigos
E os professores são legais.

Minha cidade é pequena
Gosto de viver aqui
Adivinhe o nome dela...
Ela se chama CAIBI!

Aluna: Édina de Sordi
Professora: Clenilce Fatima Levulis
ERM Pedro Ivo Campos - Caibi

Igual a esse...Não há!

Pássaro cantando na janela,
Sol no amanhecer.
Em minha cidade,
Todo o dia é assim.
Sol que doura os verdes,
Verde que rouba, olhares de quem passa.

A comida é uma beleza;
Em minha cidadezinha.
Sobre a mesa das famílias,
Leite e café de manhãzinha.

No terreiro as galinhas...
Ovos vão botar.
As vacas, produzindo o leite,
E os galos a cantar.

Homens cultivam a terra,
Faça sol ou faça chuva.
Mulheres preparam o almoço,
Pra criança que brinca e estuda,
Buscando por um futuro
Que sonha com doçura.

Dia de festa... Hora de festejar!
O povo a meia noite, vem se chegar.
Para ver a famosa fogueira,
De São João brilhar!
E antes do amanhecer,
Para sua casa irmão voltar.

São João... Calma e fértil.
Aqui moro, e sempre vou morar!
Enquanto em mim, haver vida
Vida neste lugar.

Aluna: Heloisa Fortunato
Professora: Vitorina Schütz Maia
ER Catulino Onofre Rosa - São João do Itaperiú

Terra de belezas

Gotas de água fria
É a chuva caindo
E eu me divertindo.
Fico muito feliz
Por nesta cidade viver
Sempre a sorrir.

O ar fresco que aqui respiro
Purifica minha alma
Não me preocupo em me sujar
Nesta terra de belezas
Minha vida
Sem preocupação quero levar.

Muito verde e ar puro
Ainda encontro neste lugar.
Pássaros a cantar
Frutos da terra para comer
Laranja no pé
Um pouco de agricultura
Desde criança aqui posso aprender.

Minha cidade
Também encanta por sua cachoeira
De águas cristalinas.
Tamanha beleza

É obra da natureza!

Passada a chuva
O sol de mansinho vem surgindo
Ouço grilos alegres tritinando
E as folhas verdinhas das árvores
Com o vento suave balançando

Explorada por Antônio
Um homem corajoso
Que há muito habitou este lugar
Surgiu Salto Veloso
Por muitos desconhecida
Mas um lugar maravilhoso.

Aluna: Maria Eduarda Zanatto
Professora: Soeli Neuhaus Zanatto
CMEB Vereador Avelino Biscaro - Salto Veloso

Celeiro da minha nação

Todo dia minha avó faz chimarrão,
Chama as vizinhas para conversar lá no portão,
E as comadres todas reunidas focam de montão,
Observando na rua as crianças brincarem até
que venha a escuridão.

Na minha cidade existe festa o ano inteiro,
No mês de junho tem São João.
Em outubro Nossa Senhora celebram com emoção,
Que é a padroeira da nossa nação.

Minha cidade é muito linda,
Tudo aqui inspira a beleza.
Na praça com uma amiga,
Admiramos a natureza.

Aqui produzimos muitos grãos,
Com isso vemos a cidade crescer, ter evolução.
Campos novos é o celeiro,
Que enriquece nossa nação.

Aluna: Thalyane Angela Cordeiro
Professora: Terezinha Aparecida F. Souza
EMEF Novos Campos - Campos Novos

Artigo de opinião

Corrupção acerca de um conjunto social

Hoje em dia, falar em corrupção é como dizer um “boa tarde”, se tornou “normal” aos olhos da população brasileira. Certamente a corrupção não é algo de agora e não se faz presente apenas nas atitudes políticas tomadas nos últimos anos por nossos representantes. Ela vem desde a chegada dos portugueses ao Brasil, quando estes corromperam os índios que aqui já viviam. A partir daí, a corrupção só ganhou cada vez mais espaço em nosso território e vem se agravando durante mais de cinco séculos. Um exemplo disso tudo, é o nosso já conhecido “jeitinho brasileiro”.

Apesar de ser uma coisa corriqueira, algumas pessoas tinham, e ainda têm, uma visão um tanto remota sobre a corrupção. No entanto, os laços entre a corrupção e a população ceciliense se estreitaram neste ano. A operação “x da questão” deflagrada pelo gaeco em nossa cidade trouxe para nossa comunidade uma realidade que parecia distante...

A operação “x da questão” provou que a corrupção não existe apenas em âmbito

federal. Ela infelizmente está disseminada nos mais diversos nichos da nossa sociedade, apresenta-se nas grandes metrópoles, mas também em pequenas cidades; seja por meio de obras superfaturadas, desvio de verbas, ou, como no caso da nossa pacata cidade, pela fraude em concursos públicos.

O caso gerou grande polêmica na cidade. A repercussão foi tanta, que o assunto começou a ser discutido nos grupos de amigos, entre jovens e idosos. Como diria leonardo boff, “um ponto de vista, nada mais é do que a vista de um ponto”; os cecilienses que tinham uma visão generalista sobre corrupção passaram a refletir sobre atos corruptos bem mais próximos cometidos em nosso dia a dia e muitas vezes despercebidos.

A tentativa de fraude no concurso público de Santa Cecília deixou mais do que claro, que não são apenas os senadores, deputados ou presidente que oferecem vantagens aos seus companheiros e aliados políticos. Aqui bem próximo de nós, pessoas diretamente ligadas a administração municipal também podem beneficiar seus “camaradas”! Assim, com uma atitude típica dos coronéis do século XX tentaram colocar apadrinhados à frente de cargos públicos do município.

O fato não é exclusividade de Santa Cecília, acontece diariamente em diversas cidades brasileiras sem ser notado pela população. Talvez, essa perspectiva não seja culpa apenas dos políticos, mas da população como um todo, acostumada dar sempre um “jeitinho” para se dar bem e sair de algumas situações embaraçosas mesmo que de forma ilegal ou antiética. Penso que pitágoras estava completamente certo quando afirmou que é preciso educar os meninos para não puni-los quando homem. De fato, isso se faz necessário! A partir do momento em que nos conscientizarmos de que qualquer prática corrupta é abominável e que um governo não corrupto só se faz com uma sociedade que não se corrompe, então quem sabe, acharemos uma maneira de acabar de forma gradativa com a corrupção impregnada em nossa sociedade.

Acredito que é indispensável que os representantes do poder público nas diversas esferas, como também nós a sociedade civil, tenhamos discernimento para entender que um ato corrupto, por mais pequeno que seja, é um desvio de conduta e causa uma reinteração do complexo fenômeno que é a corrupção. A final, se o objetivo de um país, ou de uma comunidade por menor que seja, é evolir nos quesitos econômicos, políticos e culturais; qualquer forma de corrupção precisa ser combatida independente de sua natureza ou dimensão.

Aluno: Alisson Gabriel Oliveira da Luz
Professor: Elizeu Domingos Tomasi
EEB Irmã Irene - Santa Cecília

Precocidade: para ser adulto não tem idade

Nos dias atuais as crianças representam um número cada vez menor em nossa sociedade. Penso que uma grande parcela dos pequenos têm a infância amputada antes do tempo, perdendo assim a mais importante fase da vida de um ser humano,

tendo que muitas vezes ser um adulto de doze anos e meio.

Essas pequenas representações de socialização fragmentada nos mostram uma realidade preocupante: nossas crianças crescem cada vez mais rápido, perdem-se cada vez mais cedo no grande oceano de publicidade rasa. O que esperamos? Estimamos que as crianças brasileiras são expostas a 40 mil propagandas por ano, acredito que isso faça com que meninas de nove anos usem salto e falseiem palavras esdrúxulas servindo como fonte de renda para seus pais ausentes, faz também com que meninos de quatorze anos sejam pais, tornando o filho, filho de um filho.

Andando por entre as ruas da grande cidade de Canoinhas vejo mais do que imbuías, araucárias e erva-mate, vai muito além das raízes sociais impostas pela colonização católica, machista e conservadora, vejo as pequenas labaredas de pureza sendo apagadas e substituídas por batom vermelho fogo.

Nas fazendas e residências do interior enxergo as crianças largando seus sonhos e anseios para sujar suas mãos “com a terra que há de comer”, me parece que o vislumbre pelo dinheiro aos doze anos os fazem esquecer que o futuro deles é escrito na sala de aula, estruturado em papel e caneta.

Nossas crianças são subjugadas à mesquinha dos mais velhos, tornam-se pontapé religioso, placebo abusivo para padres e pastores, afinal o Estado é laico e nossas crianças não são alienadas por nenhuma bancada evangélica. Eles seguem a massa que cega segue, se tornam inumanos, racistas, fascistas, homofóbicos, machistas, opressores e criadores de sangrias sociais.

Evitar o descaso adulto para com a pureza infantil deve ser o foco principal. Maria, aos treze, já está cansada de ser sexualizada, João, aos doze, está farto de acordar às seis da manhã e trazer renda no final do mês, e eu, já estou cansado de ver crianças se propondo ou sendo obrigadas a agir como adultos. Estou cansado também de ver adultos empurrando seus filhos ao mundo, jogados, descalços, sem nada, sozinhos.

Somos João, somos Maria, somos crianças sozinhas, desesperadas por capital, o estado nos transforma em números sem valor ou foco, apenas mão de obra barata para alimentar a máquina. Em meio a tudo isso eu espero que ouçam o sussurro estridente que vem de todas as crianças e diz: Temos nosso próprio tempo.

Aluno: Gabriel Prestes Rodrigues
Professora: Francisleine Alves
EEB Santa Cruz - Canoinhas

O lugar onde vivo

O lugar onde vivo tem o clima tropical e sabor de animação em temporadas de verão, porém não é só animação. Existe aquele padrão de beleza que exige que as pessoas se enquadrem que tenham um corpo de praia e suporte os assíduos impostos.

Para se enquadrar nesses padrões você precisa ser: magro, malhado, ter tanquinho... Porém quem criou isso? Provavelmente alguém com a mente muito fechada,

Aprende Brasil. Uma parceria que dá resultado.

O nível da qualidade de vida em seu município começa pela Educação. Pensando nisso, a Editora Positivo desenvolveu o Sistema de Ensino Aprende Brasil. Um conjunto completo de soluções educacionais pensadas para contribuir com o desempenho no IDEB. Conte com a nossa parceria e gere melhores resultados nas escolas e em toda a comunidade.

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS QUE O APRENDE BRASIL OFERECE:

- Livro Didático Integrado – também em versão digital
- Portal Aprende Brasil
- Assessoria Pedagógica
- SIMEB – Para a gestão educacional do município
- hábile – Sistema de Avaliação Positivo



Para ser um parceiro do Aprende Brasil
ligue 0800 724 15 16 ou acesse
editorapositivo.com.br/aprendebrasil

Entre em contato conosco e conheça também nossa solução para a educação em tempo integral.

SISTEMA DE ENSINO
Aprende Brasil | **EDITORA POSITIVO**

pois a beleza é a que está na alma. O resto são detalhes. Infelizmente detalhes que tiram a autoestima de quem não conseguem se enquadrar. Passear pelas belas praias não deveria se amedrotar.

Quando todos nos entendermos e respeitarmos a nos mesmos aceitando nosso corpo, respeitando o limite do outro faremos deste lugar bem melhor para viver.

Aluna: Letícia M. Rosa
Professora: Zaira da Silva Cardoso
EEB Profª Gracinda Augusta Machado - Imbituba

A duplicação de um sonho

Emancipada em trinta de dezembro de 1961, Içara, capital do mel, localizada ao sul de Santa Catarina, estende-se por uma área de 228.928km, constituindo-se em zona rural e urbana. A cidade abriga atualmente cerca de 58.000 habitantes sendo eles descendentes de: portugueses, italianos e poloneses, os quais buscam cotidianamente o aperfeiçoamento do município, com a finalidade de torná-lo próspero.

O que muito facilitaria o progresso do local seria a duplicação da rodovia estadual que corta a localidade e a liga com outras cidades da AMREC (Associação dos Municípios da Região carbonífera), atravessa todo o município içarense e que abrange alto fluxo de veículos diariamente e, desde o prelúdio de sua criação, vem sofrendo com o aumento do tráfego de veículos, causando deste modo, polêmicas sobre a morosidade de sua duplicação, pois enquanto isso, os transeuntes sofrem com as más condições que assolam o trecho.

Desde 2011, a Associação Empresarial de Içara tomou a frente da causa e levou a proposta para uma audiência com a comunidade e empresários. Destarte vem-se estudando o projeto apresentado pelo DEINFRA (Departamento Estadual de Infraestrutura) que sofreu algumas alterações com o original.

É notória a necessidade da duplicação da rodovia para, além de evitar grandes engarrafamentos, aumentar a segurança dos passageiros, diminuindo o percentual de acidentes, já que em 2015, 251(duzentos e cinquenta e um) acidentes foram registrados no trecho, conforme o Batalhão de Polícia Militar Rodoviária. O sonho não pode ter fim, há muito, o povo galga por esta duplicação, vidas já se esvaíram, e a tristeza já amargou inúmeras vezes a doce Içara.

Haja vista que a SC-445 é a rodovia mais movimentada do sul do estado, penso que, a duplicação é "conditio sine qua non" para a maior fluidez de tráfego de veículos, melhoria da infraestrutura da cidade e segurança plena dos passageiros, uma vez que, esta liga a BR-101 a maior cidade da região carbonífera, Criciúma.

Aluna: Ana Carolina Conti
Professora: Nathália Sartor Burin
EEB Antonio Colonetti - Içara

Memórias literárias

O fantasma da canhada

Lembro-me daquela canhada como se fosse ontem, toda aquela beleza e todo aquele suspense em um só lugar fazia da canhada um lugar especial. A elegância que vinha da natureza era mágica, as várias espécies de árvores com folhagens magníficas, muitos pássaros de cores inimagináveis é que faziam daquele lugar o mais belo de todos. Um paraíso próximo a minha casa, bem no cantinho do Brasil, na pequena cidade de Salto Veloso, onde nasci e cresci. Hoje, a canhada ainda existe, mas a beleza já não é a mesma. Recordo perfeitamente do pequeno Rio Veloso que cruzava o mato com centenas, talvez milhares de peixes nadando rio afora, um lugar maravilhoso que passou a ser assustador.

Lembro-me exatamente de tudo desde o dia em que o mistério se instaurou. Eu e meus irmãos estávamos trabalhando com meu pai no milharal como de costume e Luiz, meu irmão mais novo, convidou-nos empolgadamente para brincarmos na canhada. Sem pensar muito lhe respondi que sim e fomos a pé até lá. Costumávamos colecionar pedrinhas brilhantes e aquele seria um bom lugar para encontrarmos algo diferente para a coleção. Na época eu tinha apenas 13 anos e não tinha medo de quase nada. Algumas horas se passaram e nos divertíamos muito, até que de repente avistamos um vulto. Não nos importamos com o acontecido e voltamos para casa.

Mas um dia eu resolvi ir lá sozinho, eu não esperava por aquilo, mas ouvi um barulho muito forte descendo do morro e parecia vir em minha direção. Meu corpo estreme-

ceu e meu coração acelerou! Mais que depressa subi em um pé de angico que havia caído no chão, pois temia que o pior acontecesse. E por diversas vezes vi vultos e ouvi gritos horripilantes até que, com medo, contei o ocorrido a meu pai. Papai decidiu tirar a história a limpo e, no outro dia, levamos cedo e fomos à canhada. Meu pai portava uma arma, caso fosse preciso. Ao chegarmos no local, logo teve a sensação de estar sendo observado por algo, de longe. Ao virar, viu o vulto passando, gritou-me para que eu ficasse parado onde estava confortando-me disse "Não se preocupe" e atirou. Em poucos segundos meu pai sumiu e foi então que ouvi vários tiros. De repente ele volta correndo e diz para irmos embora daquele lugar. No caminho para casa disse-me para não contar a ninguém sobre o vulto, para que as pessoas não deixassem de nos visitar. Muitos anos se passaram e nunca soubemos bem o que era aquilo, mas acreditávamos que era um fantasma – o Fantasma da Canhada.

Aluno: Vitor Olivo
Professora: Solei Neuhaus Zanatto
CMEB Vereador Avelino Biscaro - Salto Veloso

A experiência de vida de um trabalhador

Desde "piazone" até meus 31 anos, trabalhei ajudando meu pai - homem sério e trabalhador - na roça e me dedicando também a uma profissão de meus antepassados "A arte de ser sapateiro", coisa rara hoje em dia.

Era um ofício que eu gostava, trabalhava à sombra do galpão, com meu martelo de ferro e cabo de madeira, havia também uma "haste de metal" com um formato arredondo da minha altura, para que pudesse apoiar o sapato manuseá-lo.

Até que um dia apareceu uma oportunidade de salário, iria prestar serviços como trabalhador braçal na prefeitura! Que orgulho, estava muito alegre, tanto que não consigo até hoje descrever o que senti naquela época.

Meu primeiro trabalho era fechar buracos na estrada, saía com uma pá e onde havia buracos tirava a terra do barranco para tapá-los. Era muito difícil, pois saía cedo de casa, almoçava na casa de um conhecido e quando voltava, já estava escuro, devia cumprir esta tarefa de Alto São Pedro, Ipira-Santa Catarina até o morro de Putinga, entrada de Lamberdor e Mambuca Baixa.

Fiquei um tempo neste serviço e depois fui trabalhar na escola, roçando, capinando, fazendo pequenos consertos... Era um trabalho melhor, pois não precisava caminhar tanto e não exigia um esforço físico tão grande. Mais tarde ajudei a construir a quadra velha da escola, sendo ajudante de pedreiro. Fiz a massa sozinho, só com ajuda de uma betoneira. Fiz uma "sapata" de 50 cm2 para apoiar os postes onde seriam afixadas as tabelas de basquete, hoje não podemos vê-las, pois estão enterradas. Também ajudei a fazer a massa do Posto de Saúde, sem máquinas, mas daí tive a ajuda de outra pessoa.

Mais tarde quando a encarregada do posto telefônico tirou a licença maternidade, assumi seu lugar, não tendo responsabilidades com a área de enfermagem, apenas repassava os telefonemas. Era um serviço que ajudava bastante a comunidade, pois só havia telefone ali, então quando as pessoas ligavam tinha que ir de casa em casa para dar o recado, fiquei 5 anos neste serviço.

Depois voltei para trabalho braçal indo atrás da "patrôla" tirar as pedras que ficavam no barranco, meu chefe sempre falava que se dois carros se encontrassem, elas poderiam riscar um dos envolvidos. Quando fazia este serviço não gostava, pois era algo que exigia muito esforço físico, mas hoje percebo que ele estava certo.

Fui encarregado um tempo depois de plantar uma flor chamada "Estremosa" em Filadélfia até Mambuca nas beiradas da rua, pois não tinha calçada. Se havia enchente, caminhava três dias para limpar todos os boieiros, era um serviço cansativo, achava que meu serviço não era importante, mas hoje vejo a falta que isso faz.

Penso às vezes que a vida que tive foi apenas de trabalho, mas tenho orgulho de ter construído meu futuro! Baseado na história de vida de: Eloi Luedke.

Aluno: Leonardo Puff Sornberger
Professora: Elaine Carvalho
EBM Waldomiro Liessen - Ipira

O luar de Imaruí

Éramos sete, todas as noites presenciávamos o luar mais hipnotizante que eu já vi em todos esses anos da minha vida. Nossa casa açoriana, com janelas de vidraças. O comércio de meu pai, não era tão lucrativo.

Eu sempre pegava água no poço da minha casa para fazer pirão, sentávamos meus irmãos e eu no chão da cozinha, pratos e uma colher para cada um, nem sempre tínhamos comida farta. Dormíamos cedo e acordávamos cedo, a luz de querosene não era muito luminosa. O céu era estrelado e a lua como sempre, hipnotizante.

A vida era difícil, todos tinham muitos filhos, não havia oportunidades. As roupas eram feitas, não existia roupa pronta. Não me lembro muito bem, mas havia muita perseguição política, minha mãe levava muitos sustos, perdeu muitos irmãos meus na gravidez. Mas tínhamos confiança, companheirismo, todos eram amigos, não havia roubo e nem maldade nas pessoas.

Não tomávamos banho na lagoa, a água era muito salgada, mas havia uma cachoeira perto da minha casa onde tomávamos banho no verão e lavávamos nossas roupas.

Nossa Festa de Passos era marcante e emocionante, movidas pela fé, várias pessoas vinham à nossa pequena cidade. Para entrar em nossa cidade, somente pela lagoa, que também nos fornecia peixes em abundância e refletia nossa lua...

Hoje, com 85 anos, vivo numa casa moderna de dois andares, não vejo meus irmãos com frequência, não passo necessidades, mas não posso mais deixar a porta aberta. Quase ninguém presta mais atenção na lua, hoje, até parece menor. Tenho estrelas no rosto que os leigos chamam de sardas, sei que pertenço a este lugar, mas ainda espero a lua me buscar.

Aluna: Érica Bittencourt da Silva
Professora: Flávia Aparecida Francisco
EEB Prof Pedro Bittencourt - Imaruí

O sabor da infância

Quando criança, morava com meus avós no interior de Canoinhas, próximo à localidade de Paula Pereira. A casa era antiga, de madeira, pintada externamente de azul. Uma casa bem tradicional para a época, hoje restam poucas daquele modelo. Possuía sótão, onde ficavam os quartos e uma grande varanda. Em seu interior, lembro-me como se fosse hoje, uma sala amarela, bem clarinha, com o assoalho de madeira que brilhava como espelho. Poltronas marrons e em frente à janela uma cadeira de balanço onde vovó gostava de fazer crochê sem ver o tempo passar. Eu adorava a cozinha, lá sim era uma festa, toda a família se reunia no final de semana para ouvir as histórias do vovô.

No jardim, muitas espécies de flores, com várias cores e perfumes. Minha preferência era a hortências com sua simplicidade encantadora. O pomar era repleto de árvores frutíferas, entre elas as laranjeiras, as goiabeiras e o abacateiro. As parreiras eram lindas. Na horta, as cenouras eram minhas prediletas, colhia e comia ali mesmo, só limpava-as um pouco na roupa. Ah! que sabor de infância!

Com frequência debulhava milho no paiol para tratar as galinhas e os porcos. Lembro-me como se fosse hoje do cheirinho do sabugo e das mãos avermelhadas e às vezes ardidas. Em uma parte do terreno havia muitas samambaias, uma espécie de planta que não é ornamental, bem maior que essas cultivadas em casa, conhecida como samambaia do mato. Cortava-as e desfolhava-as para fazer de conta que eram toras. Então, transportava-as em um caminhãozinho de madeira, brinquedo da época. No terreiro, espaço de chão batido, que ficava nos fundos da casa estava a serraria. O maquinário era uma faca enfiada no chão para fazer de conta que era uma serra fita para partir os caules das samambaias e transformá-los em tábuas.

Com latas de leite e cordinhas construía roletas e fazia de conta que era um carrinho. Arrastava o brinquedo por estradas e montanhas feitas na terra. Todo dia uma aventura, adorava jogar bola na rua com meus primos que moravam bem próximos dali, naquela época as estradas não eram movimentadas. Nos finais de semana meus pais e meu irmão iam nos visitar. Meu pai me levava a um riacho estreito e raso, com águas cristalinas que dava para ver as pedras. Pescávamos Lambaris de Sanga, uma espécie de peixe pequeno e danado de ligeiro. Pescá-lo era uma vitória e eu me sentia o maior pescador.

Como todo menino da época brincava muito e também frequentava a escola. Hoje sinto saudades da minha infância, das brincadeiras e também do aconchego que sentia naquele lugar.

Aluno: Jeferson Rodrigo Gomes
Professora: Ronise Cristina S. de Oliveira Wisniewski
EBM Aroldo Carneiro de Carvalho - Canoinhas